

Corriamos ao risco de ser vítimas do contágio; consolava-nos, porém, pensar que sofreríamos a qualificação na mais honrosa e judiciosa companhia.

Tinhamos além disso observado que, entre os mais fervorosos advogados da igreja romana, nas discussões privadas que frequentemente se suscitavam a respeito da nova escola, figuravam não poucos homens de moralidade e crenças um tanto suspeitas, homens que já haviam ridicularizado o catolicismo, homens descrentes que sempre fizeram gala da sua incredulidade, homens de ouro, positivistas de ruim gênero, sem consciência nem pudor, que tudo subordinavam á sua insaciável sede de bens e conveniências materiais.

E, ao vêr e ouvir tais defensores da última hora falarem a favor das doutrinas de Roma, tão empenhados em opôrem-se á invasão da loucura espírita, sentimo-nos inclinados a suspeitar de que essa loucura condenava a sua licença, e de que êles estavam mais a gosto dentro da moral romana.

Também excitou vivamente a nossa atenção a cruel guerra movida pelo clero ás novas doutrinas, ás quais se opõe com empenho muito maior e maior energia, do que ao materialismo, inimigo capital e o mais implacável de toda a crença religiosa.

Concordando-se mesmo que a escola espírita não interpréte fielmente o espírito do Evangelho, a verdade é que ela o aceita como base de suas crenças, e só isto era bastante para que o clero romano limitasse a sua campanha a mostrar-lhe os êrrros e a atraí-la, com amor e mansidão, ao redil da ortodoxia.

Longe porém de discutir com unção e brandura, êle rompe abertamente com os novos propagandistas — vitupera-os — insulta-os — amaldiçoa-os — apelida-os instrumentos de Satanaz — e, como tais, vomita sobre êles toda a bilis que pôde caber em um coração nada cristão.

Porque tanta tolerância com os apóstolos da matéria — e tanta raiva com os espíritas que, afinal de contas, procedem do mesmo tronco que os partidários da infalibilidade papal?

Quando falará a esfinge para revelar a razão de tão irregular e misteriosa conduta?

XII

O catolicismo combatido pela nova escola com os ensinamentos do Cristo. O Espiritismo: seus princípios. Os mercadores do Templo.

Não é necessário que a esfinge fale; a chave das iras sacerdotais temô-la no estudo dos princípios e doutrinas que se propagam á sombra da bandeira desfraldada por Jesus há dezenove séculos, e que tem sido transformada em trapo pelos que a têm manuseado e explorado.

Alguns homens de boa vontade, persuadidos de que não pôde ser verdadeira a religião que condena o progresso humano — a religião que repele as descobertas da ciência — a religião que despoja Deus de seus essenciais atributos, fazendo-o coparticipante das misérias humanas, e eleva certas e determinadas criaturas á categoria de deuses — a religião, enfim, que tem levado a descrença e a perturbação aos organismos sociais — procuraram uma tábua de salvação — uma luz, que permitisse aos homens medir a profundezas do abismo que se abre em sua desalentada carreira — esta luz êles a encontraram nos ensinamentos do Cristo, no próprio Evangelho em que Roma pretende apoiar seus ensinos.

E, como isto é destruir os abusos e êrrros com os próprios textos de que os fazem derivar, eis porque os interessados em sua continuação, distinguem, com o mais cordial furor, os atrevidos e indiscretos inovadores.

O que lhes importa a êles a escola materialista? Pôde esta ter por si a opinião pública, lutando, como luta, contra a consciência universal — contra as tradições — contra a necessidade — contra a filosofia — contra o sentimento — contra os desejos — contra as esperanças — contra as crenças de todos os povos?

Não temem êles, portanto, os defensores da matéria — e abandonam-os a seus esforços impotentes, concedendo-lhes, por muito favor, um olhar de compaixão e um sorriso de triunfo.

Por mais que o materialismo procure destruir seu império, nada conseguirá, não colhendo senão provocar conflitos parciais e passageiros na economia social — conflitos que, em última análise, darão maior importância às classes sacerdotais, e torná-las-ão mais necessárias.

Com o Espiritismo o caso é diverso. Esta escola não vem destruir, mas sim corrigir, restabelecer e bradar — Alerta! — à humanidade, que se afastou do verdadeiro caminho, afim de que, reconhecendo seus extravios, e reconhecendo o precipício que se abre sob seus pés, retroceda às vias retas do Evangelho.

Não vem destruir o Cristianismo, mas sim restaurá-lo, varrendo dêle as impurezas inquinadas pelos homens, em oposição às verdades pregadas por Jesus.

Não vem abalar a sociedade por seus fundamentos, mas sim robustecê-los e firmá-los.

Não traz na dextra o facho da discórdia — dos ódios — das paixões revoltas, nem prega o egoísmo — o privilégio — a intransigência ou a rebelião, mas sim, humilde como seu Mestre, Jesus Cristo, ela chama os corações à humildade e à caridade — exalta o sofrimento e a resignação — desperta a esperança da felicidade, pela purificação dos sentimentos e pela prática do bem — e aponta com o dedo o Filho do Homem, como o mais completo modelo que os homens devem seguir.

Uma escola de tão puros e benéficos princípios, há

de chamar a si todas as consciências honestas — todos os corações nobres — todas as inteligências independentes, que buscam a verdade na virtude; e isto é quanto basta para levar o alarme às tendas dos que não admitem outra verdade que não seja suas afirmações — e para convulsionar as iras dos que se sentiam bem com o monopólio do alimento espiritual.

Estudai o século apostólico, vós que tendes olhos de vêr — comparai a nobreza do episcopado daquele tempo, dos discípulos de Jesus, com a opulência do episcopado dos nossos dias — e dizei-nos:

Pôde isto ser a continuação daquilo? Nada se tem exagerado — nada se tem mudado — nada se tem mistificado?

Se Pedro e Paulo se levantassem, por um momento, volveriam a seus sepulcros envergonhados das riquezas e do fausto dos que ousam dizer-se seus sucessores. Cheios de santa indignação, corrê-los-iam a azorague, como Jesus correu os mercadeiros do Templo.

XIII

Cobardia. A nossa loucura. Os prudentes e os loucos do século.

Ronca a tempestade por sôbre nossas cabeças.

Como não, se somos fracos e dizemos a verdade aos poderosos?

Quando deixou de ser ridicularizada ou perseguida a verdade que opõe diques a êrros e abusos inveterados? Desgraçadamente, as sociedades estão organizadas de modo que, embora muitos lhes conheçam os abusos, poucos se acham com a coragem de denunciá-los e de afrontar as consequências da sua ousadia.

Já sabemos, portanto, o que nos espera: ódios da parte de uns e comiseração da parte de outros. Em troca, olharemos para uns e outros com amor.